

Expresso

07-01-2017

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Cultura

Dimensão: 379 cm²

Imagem: N/PB

Página (s): 75



A CONFISSÃO DO NAVEGADOR

Duarte Nuno Braga

Presença, 2016, 255 págs., €15,90

Romance

O primeiro romance de Duarte Nuno Braga tem um título ambicioso. O navegador é Duarte Pacheco Pereira, astrónomo, geógrafo, cosmógrafo, capitão da armada na descoberta do Brasil, governador na Guiné, testemunha oficial do Tratado de Tordesilhas na "qualidade de contínuo da casa do senhor rei de Portugal", estratega e soldado em Cochim e aclamado nos "Lusiadas" como "fortíssimo e Grão Pacheco Aquiles Lusitano" (Canto X, est. 12). O livro debruça-se sobre dois momentos em que o protagonista coloca a sua vida ao serviço do reino: o primeiro em plena consciência do apagamento a que seria confinado, mas que marcaria as exigências de Portugal nas negociações para o Tratado de Tordesilhas; o segundo em plena consciência da glória associada, robustecendo de forma definitiva o comércio entre o Ocidente e o Oriente, merecendo-lhe o epíteto de Camões. A controvérsia da alegada viagem exploratória do protagonista às costas do Brasil, dois anos antes da de Pedro Álvares Cabral, é até hoje um mistério e o mistério é terra fértil para a imaginação. Parece incontornável que os portugueses lá terão passado antes de 1500. Mas terá sido o navegador que se confessa neste romance? Ter-lhe-á a História negado um lugar de destaque por razões políticas, obscurecendo-lhe os merecimentos? Não é essa a versão oficial, apesar das informações pormenorizadas que o protagonista, autor do manuscrito "Esmeraldo de situ orbis", apresentou. É, no essencial, este mistério, entretanto estudado por gerações de investigadores, que vai delimitar o romance, acrescido de uma segunda missão régia, cinco anos mais tarde, essa absolutamente assumida e documentada na História oficial: trata-se da inclusão de Duarte Pacheco Pereira na esquadra de Afonso de Albuquerque e dos seus feitos, na Fortaleza de Cochim e no cerco a Calecute. Duarte Nuno Braga, engenheiro de formação, apercebeu-se do peso das palavras na sua vida. Se acrescermos o facto de ser igualmente um apaixonado pelo mar e pela náutica, entendemos o misto de entusiasmo e rigor que subsiste em toda a narrativa, conseguindo recriar o ambiente, as rotas e as técnicas utilizadas a bordo das embarcações. O resultado é um trabalho histórico bem conseguido, sobretudo a nível de vocabulário, técnicas de navegação, conhecimentos marítimos, cartografia. Enquanto primeiro romance do autor, este livro augura solidez e escrita escorreita, ritmo e personagens verosímeis, preservando um vocabulário e uma formalidade que parecem credíveis como vozes vindas dessa época. Os diálogos, as tradições e os costumes são construídos de forma interessante e de molde a não causar estranheza nem parecerem anacrónicos. Arriscar-me-ia a considerar Duarte Nuno Braga uma promessa e uma boa notícia para a ficção narrativa atual. / LUÍSA MELLID-FRANCO